

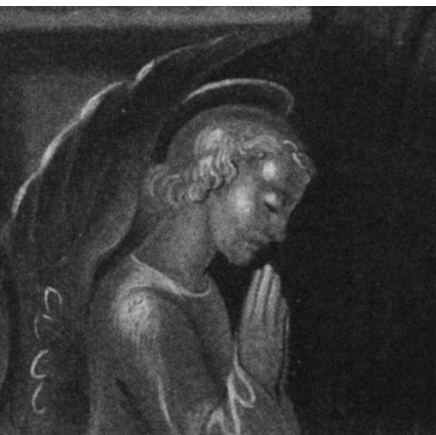
[LUCIA CHATAIGNIER]

Graduada em Letras – Francês, pela Universidade de Nancy –, e em Psicologia pela PUC-RJ, com pós-graduação em Criatividade e Comunicação (PUC-RJ) e Ética Filosófica (PUC-RJ), com formação pela Sociedade de Psicanálise do Círculo Brasileiro de Psicanálise e especialização em Psicanálise (CEPCOP-U.S.U). É roteirista, escritora e autora de contos e romances e colabora com artigos científicos em diversos periódicos em psicanálise.

E-mail: arrudalucia@yahoo.com.br



Mantilhas e véus: o discreto charme da heresia



Velar, desvelar, revelar. Três simples palavras que escondem um mundo de sugestões. Da vigília cuidadosa à revelação, o véu, sutil como uma renda, cobre, complementa, sugere e convida.

Por ter sido atizada para falar dos detalhes dos vestuários, dirigi meu olhar àquilo que denota respeito, mas esconde, nas intenções bordadas, todo um deixo-não-deixo, um mostro-não-mostro por demais atraente aos olhos de um escritor.

A diferença básica entre a mantilha e o véu está nos bordados. O véu, em geral, é de tule liso; se tem detalhes, são apenas nas suas extremidades. A mantilha, ao contrário, é toda bordada, com desenhos que respeitam o contorno das flores nas extremidades, seja ela de tule, seja de renda; é feita de maneira artesanal, apesar de, a partir do século XX, ter sido industrializada. A mantilha fica mais próxima ao rosto; já o véu, fica mais solto e leve.

No meu tempo de estudante, na imponente escola das ursulinas no Rio de Janeiro, cravada entre as pedreiras explodidas da rua Farani e a floresta, na parte detrás do prédio, nós, as meninas, tínhamos duas opções ao soar das dezessete horas: ou ficar no imenso salão de estudos, onde qualquer pio era punido pela implacável Antonieta, ou descermos para o primeiro piso e assistir à missa. Era óbvio que, se não estivéssemos atraídas com os trabalhos escolares, optávamos pela missa: lá poderíamos conversar, intermediando o latim decorado e os cânticos religiosos às conversas sempre animadas de adolescentes. Era a liberdade cantada e decantada.

Vestidas com o uniforme de saia reta, cinzenta, e blusa branca, usávamos, todas nós, a mantilha. Sempre brancas, como nossas almas de virgens. As mantilhas de renda negra eram apenas para as mulheres casadas e as viúvas. Muitas de nós imaginávamos estar vestidas como uma noiva e, compenetradas, pensávamos no garoto pelo qual estávamos apaixonadas. A mantilha, por sua leveza, escondia nosso rosto e propiciava confidências entre as amigas ali presentes. Já o véu, para mim, era algo mais ligado ao hábito das freiras. Elas percorriam os imensos corredores de varandas entre as salas de aula, esvoaçando aqueles panos brancos de noivas de Cristo. Eu preferia as mantilhas.

Muitas noivas, além do tradicional véu, portavam também mantilhas curtas e rendadas, cobrindo o rosto. Somente ao chegarem ao altar, podiam descobri-lo. Nunca mais vi noivas assim. Talvez fosse um intróito ao *grand finale*, um *preview* da descoberta total, no qual os aparatos das vestes contracenam com os desejos da carne na consumação orgástica. Aconselham os *experts* que a mantilha, nesse caso, deve estar de acordo com o vestido da noiva, combinando seus bordados ou, no caso de o vestido ser bordado, não entrar em conflito ou competição com ele. Mas nada como uma regra para ser quebrada, não é? Vale como sugestão. A verdadeira intenção, dizem, da mantilha contracenando com o véu seria emoldurar o rosto da noiva, identificando-a com uma donzela misteriosa. Um detalhe interessante:

noivas de segundo casamento ou grávidas são desaconselhadas a usar véu. Com isso, toda a simbologia romântica do casamento, da entrega ao parceiro, do mistério, fica interdita, pois aquela que ali está já foi violada. Indelicado, não? É como eu digo: o interdito se intromete no dogma, alertando sobre tabus, sobre a "ordem estabelecida" e estendendo seu tapete ao preconceito e aos falsos pudores sociais. Mas, estudantes, freiras e noivas à parte, vamos falar dos véus.

Tradição ou traição?

Existem famílias que por tradição transferem para a noiva aquele véu que foi usado pela sua mãe e — quem sabe? — pela avó. Cuidados, é claro, devem ser tomados com a peça, como guardá-la longe do sol, da umidade, em lugar fresco e sem pressão sobre ela. Traças ou perigo de outros insetos devem ser afastados.

Na Antiguidade o véu era usado como parte do vestuário das mulheres da nobreza. Sua função era reforçar o diferencial da pele alva — seriam as nobres mais puras? — da pele das camponesas curtidas pelo sol, em função do trabalho ao ar livre. Dizem que o objetivo do uso do véu entre as *habituées des châteaux* era proteger os cabelos e a pele do rosto e do pescoço contra danos causados pelo sol e pelo vento. Mas a verdade é que o véu era uma das maneiras de evitar que o direcionamento de seus olhares recaísse sobre a miséria dos camponeses, ou — quem sabe? — sobre a sensualidade dos corpos suados de seus vassallos. O que não evitava que, de soslaio, elas ensaiassem olhares de Capitu sobre eles.

[27]

Usos e abusos do véu

O uso do véu remonta à Idade Média. Alguns dizem que às mulheres anglo-saxônicas casadas — e apenas a elas — era permitido o uso do véu. Uma marca? Desde quando os véus são considerados fetiches e objetos de tentação/sedução? Seria, por isso, que as casadas deveriam (e não simplesmente "poderiam") usar os seus véus para afastar o desejo do outro?

De qualquer modo, nas pinturas e demais manifestações artísticas, vemos o véu associado à religião. Onde, um costume bem antigo. Pelo que me consta, até o final dos anos 1960, esse era um costume entre as mulheres. Não mais freqüente as igrejas, mas eventualmente, através de reportagens ou curiosas visitas aos seus belos interiores, vislumbro senhoras idosas ainda portando as suas mantilhas. Apego ao hábito ou simulação de uma aliança perpétua com o divino?

Considerado o símbolo da virgindade e da pureza, é coroado pela grinalda que promove a castidade a um status de realeza, na qual o véu, do árabe *hijab*, quer dizer "o que separa duas coisas": a vida de solteira da vida como esposa. Divisor de águas entre dois mundos, o fato é que há muitas lendas — superstições? — sobre (sob?) o véu: identificada, pelo véu, grinalda e longo vestido como uma portadora da nobreza, ele concedia um suposto antídoto contra mau-olhados e autorizava uma santidade que nem sempre poderia ser confirmada. Pelo menos, antes da cerimônia. O resto, era debaixo

dos panos. Os judeus, segundo pesquisas realizadas, têm hábitos bem diferentes dos que costumamos conhecer. Eles pregam que o rosto da noiva deve ser coberto antes e durante a *chupa*, pois esse é um momento muito especial que atrai a presença divina, que fica pairando sobre o semblante da noiva, momento em que ela deve pedir por sua saúde ou para ter filhos. Em tempo: "chupa" quer dizer a cobertura ou proteção que representa a casa que o novo casal irá estabelecer unido, aberta nos quatro lados. A "chupa aberta" simboliza o desejo de sempre se ter um lar aberto e acolhedor. Além disso, os judeus dizem que não se deve olhar para Deus diretamente, tal qual Moisés o fez. Assim sendo, as pessoas mais religiosas devem colocar um véu opaco ou cobrindo totalmente o rosto da noiva. É sabido que antes do "sim" o noivo costuma descobrir o véu da noiva e dar uma "espiadinha" para ver se é ela mesma quem está ali, e não uma outra.

Religiões à parte, existem outros ditos interessantes como, por exemplo, o fato de o noivo ser impedido de ver a noiva. Dizem que traz má sorte, já que a noiva seria um alvo preferencial dos maus espíritos. E, para que estes não a reconhecessem, ela esconderia o rosto com panos e fazia-se rodear de mulheres vestidas de modo idêntico, no caso, as damas de honra. Com isso, confundiria os espíritos. De superstições também viviam os gregos, para quem o uso do véu era um costume criado para proteger a noiva contra o mau-olhado e também do desejo de admiradores.

Em nossas pesquisas dos textos de Paulo na 1ª carta aos Coríntios, na *Bíblia Sagrada*, nos deparamos com sutilezas sofisticadas, tais como: "Se Maria é a Igreja onde Cristo nasce, o Cristo é a cabeça da Igreja, dirigida espiritualmente por ele; [Maria] é a mulher com a cabeça coberta, porque, coberta por Cristo, vai nos ensinar a fazer todos a sua santa vontade. O véu será submissão a Cristo (...) então, a mulher aceita amorosamente se entregar a Cristo, aceitando que ele a cubra!"¹

"Fazer a vontade", "submissão", "aceita amorosamente se entregar", "aceitando que ele a cubra". Ora, isso tem, indubitavelmente, uma conotação passiva e sexual. É a apologia da idolatria envolta com o charme do véu que camufla o discreto charme da heresia, relegando ao chamado sublime o mais explícito erotismo dos clássicos eróticos.

Ainda de acordo com os textos de Paulo: "A mulher representa a espiritualidade, ou seja, a receptividade (...). A mulher com véu vai representar a fé em algo que não vemos, está simplesmente encoberto". Espiritualidade não é sinônimo de receptividade. Espiritualidade é transcendência, mística, religiosidade. Receptividade é absorção, tendência, capacitação. Fé é crença religiosa sem fundamento em argumentos racionais. De repente, quase inconseqüentemente, a mulher é elevada a um status divino, metáfora do mais recôndito dos tabus religiosos e sinônimo dos indecifráveis e inquestionáveis mistérios dos dogmas religiosos. Heresia?

O fato é que, além, muito além da conotação e do simbolismo religioso, o véu tem também um significado e um apelo sexual: a dança dos sete véus, na qual a dançarina com volteios sensuais vai se desnudando, é um deles. O véu das odaliscas, a mantilha das espanholas, enfeitadas de rosas rubras, e, certamente, outros mais.

A vida é um palco – com seu devido cortinado (véu) – que esconde as tramas, apresenta os dramas e as comédias, esconde, coloca em suspense, excita. Charme? Por que não? Tudo em nome do discreto (ou não) charme da heresia.

^[1] Bíblia Online.com.br. Apóstolo Paulo. 1ª Carta aos Coríntios. Capítulo 11.
Disponível em: <<http://www.bibliaonline.com.br/rc/1co/11>>. Acesso em: 02 fev. 2008.